



CAMINHOS DE COMUNHÃO

Propostas temáticas para 2026-2027



Por uma Igreja sinodal
comunhão | participação | missão

Caderno 4

**GESTÃO E SUPERAÇÃO DE CONFLITOS
NUMA IGREJA SINODAL**

**Conflito como lugar teológico
Mediação, escuta e reconciliação eclesial**

A PALAVRA DO PAPA LEÃO XIV

“O caminho da sinodalidade é um caminho de comunhão para a missão, no qual todos somos chamados a participar(...) Para prosseguir neste caminho, referistes a importância da formação. Formação para a escuta, formação para uma espiritualidade da escuta. Em particular – sublinhastes – nos seminários. Mas também para os bispos! (...) A formação de todos. A formação nos seminários, dos sacerdotes, dos bispos e dos colaboradores leigos deve estar enraizada na vida ordinária e concreta da Igreja local, das paróquias e de tantos outros lugares significativos onde se encontram as pessoas, em particular aquelas que sofrem. Como aqui observastes, não bastam um ou dois dias, nem mesmo uma semana, para aprofundar um tema a ponto de o viver. Seria importante, portanto, que o nosso modo ordinário de trabalhar juntos fosse uma ocasião de formação e crescimento para aqueles com quem trabalhamos, a todos os níveis, desde o paroquial ao da Cúria Romana. Onde, por exemplo, se pode ordinariamente crescer num estilo sinodal é nas visitas pastorais. Também todos os organismos de participação devem ser revitalizados.

Porém, tudo isto está relacionado com o caminho de implementação do Sínodo, que prossegue e terá uma etapa fundamental na Assembleia Eclesial programada para o ano de 2028. Encorajo-vos a ser fermento deste caminho. É um caminho para a missão da Igreja, um caminho ao serviço do anúncio do Evangelho de Cristo (...).”

*Papa Leão XIV, Discurso no encerramento
do Consistório Extraordinário de janeiro de 2026*

PREFÁCIO

Em cada tempo, a Igreja é chamada a escutar atentamente o sopro do Espírito de Deus. Hoje, essa escuta acontece num mundo em rápidas mudanças, feridas abertas e onde o Homem vive com uma profunda sede de esperança. A revolução tecnológica e digital em curso e as transformações sociais reconfiguram a forma como estamos, como nos relacionamos e como entendemos o mundo e os acontecimentos. No seio da Igreja há também desafios que nos interpelam para que possamos continuar a ser fiéis à missão confiada por Jesus de anunciar o Evangelho a todas as criaturas.

É neste âmbito que a sinodalidade se revela uma graça e um caminho fundamental a percorrer na vida da Igreja do tempo presente. A sinodalidade não é apenas um conceito vago, mas o modo concreto de ser Igreja onde o Povo de Deus caminha junto, escuta, discerne e partilha responsabilidades na missão.

O processo sinodal em curso desde 2021, que brota do coração do Evangelho e da própria identidade da Igreja como Povo de Deus reunido pela ação do Espírito Santo que a guia e conduz, resultou no Documento Final do Sínodo que foi aprovado e promulgado pelo Papa Francisco no final da II Sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, a 26 de outubro de 2024, incorporando-o assim no magistério da Igreja e indicando o caminho a seguir para uma Igreja mais sinodal.

Encontramo-nos agora na fase de receção e implementação do Documento Final nas comunidades locais rumo à Assembleia Eclesial de 2028. É uma oportunidade de renovação da ação pastoral em cada grupo, comunidade, paróquia e diocese, mas é também um caminho que exige profunda conversão pessoal e comunitária, o cultivo da escuta, da abertura ao outro, do discernimento comum e a coragem para rever hábitos instalados.

Estas publicações mensais preparadas pela Equipa Sinodal da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) nascem depois do II Encontro

Sinodal Nacional que se realizou em Fátima, a 10 de janeiro de 2026, onde a proposta apresentada foi considerada uma ferramenta útil para aprofundar e concretizar o caminho sinodal. Inspiradas na experiência eclesial de outras Igrejas particulares, as publicações pretendem oferecer pistas de reflexão que contribuam para consolidar a sinodalidade como prática estruturante da vida das comunidades cristãs.

De fevereiro de 2026 até fevereiro de 2027, desejamos que este subsídio seja um ponto de partida para fecundas conversações no Espírito e um contributo para fortalecer a comunhão, promover a participação e renovar a missão, ajudando as comunidades a concretizar as orientações sinodais e a caminhar juntas, na fidelidade a Jesus e ao seu Evangelho, para O anunciar com alegria e esperança.

Equipa Sinodal da CEP

CONJUNTO DE TEMAS

FEVEREIRO 2026	<p>A sinodalidade como dimensão constitutiva da Igreja</p> <ul style="list-style-type: none"> – Fundamentos bíblicos, teológicos e eclesiológicos – A sinodalidade no Documento Final e no magistério do Papa Francisco
MARÇO 2026	<p>Como prosseguir um caminho rumo a uma Igreja constitutivamente sinodal?</p> <ul style="list-style-type: none"> – Sinodalidade como estilo, processo e estrutura – Entre conversão espiritual e reforma institucional
ABRIL 2026	<p>Igreja hierárquica e Igreja sinodal: tensão ou complementaridade?</p> <ul style="list-style-type: none"> – Autoridade, serviço e corresponsabilidade – Superar polarizações e falsas dicotomias
MAIO 2026	<p>Gestão e superação de conflitos numa Igreja sinodal</p> <ul style="list-style-type: none"> – Conflito como lugar teológico – Mediação, escuta e reconciliação eclesial

JUNHO 2026	O <i>sensus fidei</i> do povo de Deus: fundamento e desafios – Escuta do Povo de Deus e participação real – Limites, critérios e discernimento do <i>sensus fidei</i>
JULHO 2026	Discernimento comunitário: coração da sinodalidade – Dimensão espiritual do discernimento – Práticas concretas e critérios de autenticidade
AGOSTO 2026	Processos sinodais e tomada de decisões – Consulta, deliberação e decisão – O papel da autoridade no processo sinodal
SETEMBRO 2026	Sinodalidade e ministérios: uma Igreja toda ministerial – Batismo, carismas e serviços – Superar clericalismos e reducionismos
OUTUBRO 2026	O papel dos diáconos numa Igreja sinodal – Diaconia, liturgia, Palavra e caridade – Potencialidades pouco exploradas
NOVEMBRO 2026	Presbíteros e bispos numa Igreja sinodal – Liderança sinodal, colegialidade e comunhão – Conversão do exercício do ministério ordenado
DEZEMBRO 2026	Vida consagrada e sinodalidade – Testemunho profético, escuta e mediação – Relação entre carisma e instituição
JANEIRO 2027	Sinodalidade e direito canónico: desafios e possibilidades – Potencialidades do Código de Direito Canónico – Pistas e sugestões para revisão e desenvolvimento normativo
FEVEREIRO 2027	A vocação dos leigos na Igreja Sinodal – Corresponsabilidade diferenciada e participação ativa – Batizados em missão na vida quotidiana

INTRODUÇÃO

O caminho sinodal que a Igreja está a percorrer tem permitido reconhecer a riqueza da escuta, da corresponsabilidade e do discernimento comunitário. Ao mesmo tempo, tornou mais visíveis algumas tensões, diferenças de sensibilidade e dificuldades de diálogo presentes na vida das comunidades. Estas situações fazem parte da experiência eclesial e desafiam-nos a crescer na comunhão e na missão.

Desde as suas origens, a Igreja teve de enfrentar divergências e conflitos. Os Atos dos Apóstolos e as cartas de São Paulo testemunham comunidades chamadas a discernir, reconciliar-se e procurar juntas a vontade de Deus. Por isso, os conflitos não devem ser vistos apenas como obstáculos ou fracassos, mas como realidades que podem tornar-se ocasião de crescimento quando são vividos à luz do Evangelho.

O Documento Final do Sínodo recorda que o discernimento eclesial é “a procura de um consenso o mais amplo possível, que surgirá através daquilo que mais faz arder os corações (cf. Lc 24,32), sem esconder os conflitos nem procurar compromissos ao mais baixo nível” (DF 84). Caminhar juntos não significa pensar todos da mesma maneira, mas aprender a escutar, dialogar e discernir aquilo que o Espírito Santo pede hoje à Igreja, acolhendo a ação daquele que continua a suscitar no seu Povo uma “harmonia das diferenças” (DF 1).

Neste horizonte, o presente caderno propõe uma reflexão sobre o modo como a Igreja é chamada a enfrentar, discernir e superar os conflitos numa Igreja sinodal, centrando-se em dois eixos fundamentais: o conflito como lugar teológico e os caminhos de mediação, escuta e reconciliação eclesial. O objetivo é ajudar as comunidades cristãs a reconhecer e integrar os conflitos de forma evangélica, favorecendo a comunhão e a missão.

À semelhança dos cadernos anteriores, o percurso organiza-se em quatro movimentos: *Interiorizar, Iluminar, Escutar e Discernir, Decidir e Caminhar*. Pretende-se favorecer processos de conversão pessoal e comunitária que ajudem a viver de forma mais sinodal a comunhão e a missão da Igreja.

Este caderno foi pensado para ser lido com calma e em clima de oração. Pode ser utilizado para reflexão pessoal, formação de grupos, encontros pastorais, processos de discernimento comunitário e renovação pastoral. As propostas que apresenta deverão ser sempre adaptadas à realidade concreta de cada comunidade, tendo em conta a sua história, os seus desafios e os apelos que o Espírito Santo faz emergir no caminho sinodal.

Integra uma série de treze publicações mensais preparadas pela Equipa Sinodal da Conferência Episcopal Portuguesa. O seu objetivo é ajudar as comunidades a acolher, compreender e pôr em prática o Documento Final da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. Inspirada nos *Cuadernillos de Sinodalidad*, elaborados pelo Conselho Episcopal da América Latina e do Caribe (CELAM), esta coleção pretende oferecer pistas de reflexão bíblica, teológica e pastoral, juntamente com instrumentos práticos que apoiem a vivência concreta da sinodalidade nas comunidades cristãs.

CADERNO 3

GESTÃO E SUPERAÇÃO DE CONFLITOS NUMA IGREJA SINODAL

Conflito como lugar teológico Mediação, escuta e reconciliação eclesial

1

INTERIORIZAR: CONVERTER O OLHAR SOBRE O CONFLITO E A COMUNHÃO

“O conflito não pode ser ignorado ou dissimulado; deve ser aceite. Mas, se ficamos encurralados nele, perdemos a perspetiva, os horizontes reduzem-se e a própria realidade fica fragmentada. (Evangelii Gaudium 226)

Perante o conflito, alguns limitam-se a olhá-lo e passam adiante como se nada fosse, lavam-se as mãos para poder continuar com a sua vida. Outros entram de tal maneira no conflito que ficam prisioneiros, perdem o horizonte, projetam nas instituições as suas próprias confusões e insatisfações e, assim, a unidade torna-se impossível. Mas há uma terceira forma, a mais adequada, de enfrentar o conflito: é aceitar e suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo. (Evangelii Gaudium 227)

Finalidade da secção

Neste momento somos convidados a fazer uma paragem interior. Antes de procurar resolver conflitos exteriores, importa reconhecer como cada um vive as tensões e divergências presentes na sua vida e na vida da comunidade. À luz do Evangelho, somos chamados a deixar que o Espírito Santo converta o nosso olhar, para aprender a viver os conflitos como caminho de crescimento na comunhão, na verdade e na caridade.

Oração inicial

Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso Amor. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado e renovareis a face da terra.

Peçamos ao Espírito do Senhor a graça de um coração puro, humilde e livre do ressentimento, capaz de reconhecer a dignidade de cada pessoa e de procurar caminhos de comunhão e de paz.

Leitura bíblica sugerida

Filipenses 2,1-8 – Ter os mesmos sentimentos em Cristo Jesus

(...) "nada façais por ambição, nem por vaidade; mas, com humildade, considerai os outros superiores a vós próprios, não tendo cada um em vista os próprios interesses, mas todos e cada um exatamente os interesses dos outros."

Interpelação breve

APRENDER O ESTILO DE CRISTO

Na carta aos Filipenses, São Paulo convida a comunidade a viver a unidade, o mesmo amor e os mesmos sentimentos de Cristo. Quando

surgem tensões e divisões, o apóstolo convida a comunidade a começar pela conversão do coração. Se existe comunhão no Espírito, então somos chamados a ter os mesmos sentimentos de Cristo e, por isso, a rivalidade e a vanglória não podem ter a última palavra.

Muitas vezes, os conflitos tornam-se mais difíceis quando cada um permanece centrado nas suas razões, posições ou expectativas. Perante o conflito, o apóstolo aponta um caminho exigente: afastar a ambição egoísta, olhar para os outros com humildade, reconhecendo o seu valor e dignidade, e procurar não apenas os próprios interesses, mas também os dos outros. A comunhão começa precisamente nesta conversão do olhar, que desloca o centro do “eu” para o “nós”, para o bem comum.

Cristo torna este caminho visível. Ele não usou a sua grandeza para se impor aos outros; pelo contrário, esvaziou-se de si mesmo, assumiu a condição de servo e humilhou-se por amor, obedecendo até à morte na cruz. É neste despojamento de si e nesta disponibilidade para os outros que a comunidade cristã encontra a sua referência.

Perante as diferenças e os conflitos, a comunidade cristã é chamada a assumir esta mesma atitude. Em vez de procurar impor a própria visão, aprende a escutar, a dialogar e a discernir em conjunto aquilo que o Espírito Santo pede à Igreja. Assim, as diferenças deixam de ser motivo de divisão e podem tornar-se ocasião de crescimento espiritual e renovação comunitária.

Perguntas de ressonância

- Como reajo normalmente perante os conflitos e as divergências?
- Quando surgem tensões, permaneço centrado nas minhas razões e interesses ou procuro compreender os outros?
- Que sentimentos predominam em mim perante o conflito: humildade, abertura e desejo de comunhão ou rivalidade, orgulho e autodefesa?

- Que situações, atitudes ou hábitos da nossa comunidade alimentam tensões, divisões ou mal-estar?
- Como somos chamados a viver os conflitos com misericórdia, verdade e caridade?
- O que o Espírito Santo poderá estar a pedir à nossa comunidade através destas situações de tensão ou conflito?

Ação

Este momento pode concluir-se com um gesto simples e concreto, capaz de traduzir interiormente o caminho iniciado. Por exemplo:

- Identificar uma atitude pessoal (orgulho, impaciência, necessidade de ter razão, dificuldade em escutar, tendência para julgar, murmuração...) que possa estar a dificultar a comunhão. Procurar trabalhá-la durante a semana.
- Rezar por uma pessoa com quem exista alguma dificuldade de relação, pedindo a graça de a olhar com os sentimentos de Cristo.
- Fazer um gesto simples de aproximação, gratidão ou reconhecimento para com alguém com quem existam diferenças ou tensões.
- No final de cada dia, fazer um breve exame de consciência, perguntando: Hoje contribuí para a comunhão ou para a divisão?

Oração final

Sugere-se terminar este momento
com a oração de São Francisco de Assis:

Senhor, fazei de mim um instrumento da vossa paz.
Onde houver ódio, que eu leve o amor.
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.
Onde houver discórdia, que eu leve a união.
Onde houver dúvidas, que eu leve a fé.
Onde houver erro, que eu leve a verdade.
Onde houver desespero, que eu leve a esperança.
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.
Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, fazei que eu procure mais:
consolar, que ser consolado;
compreender, que ser compreendido;
amar, que ser amado.
Pois é dando que se recebe.
É perdoando que se é perdoado.
E é morrendo que se vive para a vida eterna.

2

ILUMINAR:

O QUE DIZ A SAGRADA ESCRITURA E O QUE A IGREJA ENSINA

“As etapas do discernimento eclesial podem ser articuladas de diversos modos (...) com base na experiência sinodal, é possível identificar alguns elementos-chave que não devem faltar: (...) a procura de um consenso o mais amplo possível, que surgirá através daquilo que mais faz arder os corações (cf. Lc 24, 32), sem esconder os conflitos nem procurar compromissos ao mais baixo nível.” (DF 84)

Finalidade da secção

Esta secção tem como objetivo mostrar que a comunhão eclesial não exige a anulação das diferenças nem a ausência de conflitos. A Sagrada Escritura e a tradição da Igreja revelam que as tensões e divergências podem tornar-se oportunidades de discernimento, conversão e crescimento comunitário quando são vividas à luz do Evangelho. Numa Igreja sinodal, a superação dos conflitos realiza-se através da escuta, do discernimento e da reconciliação, ao serviço da comunhão e da missão.

Textos bíblicos de referência

Estes textos ajudam a compreender que os conflitos não são necessariamente uma ameaça à comunhão, mas podem tornar-se lugares de discernimento e de crescimento.

- **At 15,1-35:** O Concílio de Jerusalém e o discernimento comunitário – Perante uma divisão na comunidade, a Igreja entra num processo de escuta, debate, discernimento e decisão. A procura comum da vontade de Deus passa pela

escuta da experiência, pelo confronto com a fé e pela ação do Espírito Santo.

- **Fl 2,1-11:** Os sentimentos de Cristo e o caminho da humildade – A unidade nasce do modo de pensar e agir de Cristo: humildade concreta, atenção aos interesses dos outros e disposição para viver o mesmo amor e o mesmo sentir.
- **Tg 4,1-12:** A raiz interior dos conflitos – Os conflitos têm frequentemente a sua origem nas paixões e nos desejos desordenados. Por isso, a reconciliação exige conversão interior, humildade diante de Deus e um olhar fraterno sobre os outros.
- **Mt 18,15-22:** A correção fraterna e o perdão – Jesus propõe um caminho gradual de correção fraterna, orientado para a reconciliação e para a recuperação da relação. Este percurso culmina na exigência de um perdão sem limites.
- **2 Cor 5,16-21:** O ministério da reconciliação – A reconciliação é obra de Deus realizada em Cristo e confiada à Igreja. Os cristãos são chamados a tornar-se sinais e instrumentos dessa reconciliação no mundo.

2.1. SUPERAÇÃO DOS CONFLITOS NUMA IGREJA SINODAL

A Igreja não é uma comunidade sem conflitos. Desde os primeiros tempos, os cristãos tiveram de enfrentar diferenças de opinião, tensões e desafios que exigiram diálogo e discernimento. O caminho sinodal não elimina esta realidade, mas ajuda a compreendê-la e a vivê-la à luz do Evangelho. Neste contexto, importa sublinhar três convições:

a) Os conflitos fazem parte da vida da Igreja

A diversidade de sensibilidades, experiências, carismas e pontos de vista acompanha a vida da Igreja desde as suas origens. A existência

de tensões não significa necessariamente ausência de comunhão ou fracasso da missão, antes pelo contrário: a capacidade de enfrentar os conflitos de forma saudável é sinal de maturidade humana e eclesial. Quando vividos de forma evangélica, os conflitos podem tornar-se ocasião de crescimento e renovação. Hoje estas tensões manifestam-se, frequentemente, em diferentes sensibilidades pastorais, litúrgias, culturais e geracionais, exigindo caminhos renovados de escuta, diálogo e discernimento.

b) Os conflitos devem ser integrados em processos de discernimento comunitário

O Documento Final do Sínodo recorda que o discernimento eclesial exige procurar caminhos de comunhão “sem esconder os conflitos nem procurar compromissos ao mais baixo nível” (DF 84). À imagem do Concílio de Jerusalém (cf. At 15), a Igreja aprende que as divergências se enfrentam através da escuta, do diálogo, da oração e da procura comum da vontade de Deus.

O discernimento comunitário não procura eliminar as diferenças, mas colocá-las em diálogo para reconhecer aquilo que o Espírito Santo pede à comunidade. No Jubileu das Equipas Sinodais e dos Organismos de Participação, o Papa Leão XIV afirmava que a Igreja é chamada a crescer “na escuta do Espírito, no diálogo, na fraternidade e na parrésia”, compreendendo que, “antes de qualquer diferença, somos chamados a caminhar juntos em busca de Deus, para nos revestirmos dos sentimentos de Cristo”.

c) A superação dos conflitos exige conversão espiritual

Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco recorda que o conflito não deve ser ignorado, mas assumido e transformado num novo processo (cf. EG 227). Esta transformação não acontece apenas através de métodos ou estratégias, mas exige humildade, paciência, disponibilidade para escutar o outro e confiança na ação do Espírito Santo.

Também o Papa Leão XIV afirma que as tensões e diferenças presentes na vida da Igreja devem ser vividas na confiança e na abertura ao Espírito, “deixando que o Espírito as transforme, para que não se tornem oposições ideológicas e polarizações prejudiciais” e “para que sejam harmonizadas e orientadas para um discernimento comum” (Homilia no Jubileu das Equipas Sinodais e dos Organismos de Participação, 26 de outubro de 2025).

Perguntas de ressonância

- O que mais nos interpela nesta reflexão sobre os conflitos na vida da Igreja e da nossa comunidade?
- Que atitudes, pessoais ou comunitárias, somos chamados a cultivar para viver os conflitos como oportunidades de crescimento, discernimento e comunhão?
- O que sentimos que o Espírito Santo nos pede hoje para enfrentar as tensões e diferenças de forma mais evangélica?

2.2. CONFLITO COMO LUGAR TEOLÓGICO

Habitualmente, associamos o conflito a algo negativo. No entanto, a experiência bíblica e a tradição da Igreja mostram que Deus pode agir através das tensões e servir-se delas para purificar os caminhos da comunidade e ajudá-la a discernir a Sua vontade. Por isso, podemos falar do conflito como um lugar teológico: um espaço onde a comunidade é chamada a escutar de forma mais atenta aquilo que Deus lhe pede em cada momento da sua história.

Muitos conflitos nascem do encontro entre diferentes experiências, sensibilidades e perspetivas presentes na comunidade. Quando é vivido à luz do Evangelho, o conflito pode revelar as motivações, prioridades e critérios que estão a orientar a vida pessoal e comunitária e ajudar a discernir qual a lógica que está a orientar as relações: a lógica do serviço ou a lógica do poder; a procura do bem comum ou a

defesa dos próprios interesses; a humildade de Cristo ou a afirmação do ego.

Neste sentido, o Papa Leão XIV afirma que “a regra suprema na Igreja é o amor: ninguém é chamado a comandar, todos são chamados a servir; ninguém deve impor as próprias ideias, todos devemos ouvir-nos reciprocamente; ninguém é excluído, todos somos chamados a participar; ninguém possui toda a verdade, todos devemos procurá-la juntos e humildemente” (Homilia no Jubileu das Equipas Sinodais e dos Organismos de Participação, 26 de outubro de 2025).

A carta aos Filipenses oferece uma chave essencial para esta leitura. Perante as tensões da comunidade, São Paulo convida os cristãos a terem os mesmos sentimentos de Cristo (cf. Fl 2, 1-8): rejeitar a ambição egoísta, cuidar dos interesses dos outros e assumir a humildade daquele que se esvaziou a si mesmo e tomou a condição de servo. À luz deste convite, o conflito torna-se um lugar privilegiado para discernir se as nossas atitudes são moldadas pelo Evangelho ou pela lógica do interesse próprio.

Também a carta de Tiago recorda que muitos conflitos têm origem nas paixões e desejos que habitam o coração humano (cf. Tg 4,1-12). Por isso, a superação dos conflitos exige mais do que resolver problemas exteriores: requer conversão interior e humildade diante de Deus.

Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco afirma que “a unidade é superior ao conflito” (EG 228). Esta afirmação não significa ignorar as diferenças ou negar as dificuldades, mas integrar os conflitos num caminho de comunhão, permitindo que sejam transformados e orientados para o bem comum. Nesta perspetiva, a unidade não exige uniformidade. Como recorda o Papa Francisco, a comunhão cristã assemelha-se a um poliedro, onde as diferenças não são anuladas, mas integradas numa unidade mais rica (cf. EG 236).

Quando são acolhidos à luz da fé e atravessados pela escuta, pelo discernimento e pela ação do Espírito Santo, os conflitos podem tornar-se um verdadeiro lugar teológico, onde Deus continua a revelar os caminhos da sua vontade e a conduzir a Igreja na fidelidade à sua missão.

Perguntas de ressonância

- Que conflitos ou diferenças nos ajudam a discernir melhor aquilo que precisa de ser transformado em nós e nas nossas comunidades?
- Como podemos crescer nos sentimentos de Cristo (humildade, serviço e procura do bem comum) perante as situações de conflito?
- De que forma as tensões e desafios que vivemos podem tornar-se ocasião de conversão, renovação e crescimento na comunhão?

2.3. MEDIAÇÃO, ESCUTA E RECONCILIAÇÃO ECLESIAL

Se os conflitos fazem parte da vida da Igreja, torna-se necessário percorrer caminhos concretos que permitam restaurar relações fragilizadas e fortalecer a comunhão. A tradição cristã oferece critérios e práticas que ajudam a enfrentar os conflitos de forma evangélica.

O Evangelho apresenta um desses caminhos na correção fraterna (cf. Mt 18, 15-22). Jesus propõe um processo gradual que começa com o encontro a sós, prossegue com a presença de uma ou duas testemunhas e, se necessário, envolve a comunidade, procurando sempre recuperar a relação. O objetivo não é identificar vencedores e vencidos nem expor ou humilhar quem errou, mas favorecer a reconciliação e preservar a comunhão. Este percurso culmina no apelo ao perdão sem limites (cf. Mt 18, 21-22) sinal da misericórdia de Deus e condição para a vida fraterna.

Nem todos os conflitos se resolvem apenas através do diálogo direto entre as partes. Por vezes, torna-se necessária a intervenção de pessoas capazes de acompanhar, mediar e facilitar o encontro. A mediação pode ajudar a reconstruir a confiança, clarificar mal-entendidos e favorecer um encontro mais sereno entre as partes, criando condições para que cada pessoa se sinta verdadeiramente escutada e respeitada.

A reconciliação exige também a disponibilidade para compreender o ponto de vista do outro, acolhendo as suas razões, experiências e preocupações. Nem sempre é possível alcançar imediatamente um consenso. No entanto, quando existe respeito mútuo, procura sincera da verdade e disponibilidade para caminhar juntos, a comunidade pode encontrar caminhos que lhe permitam prosseguir unida na sua missão. Mesmo quando subsistem diferenças, a escuta recíproca e a compreensão mútua ajudam a preservar a comunhão e a manter aberto o caminho para futuros entendimentos.

Nesta linha, o Documento Final do Sínodo recorda que o discernimento eclesial procura “um consenso o mais amplo possível (...) sem esconder os conflitos nem procurar compromissos ao mais baixo nível” (DF 84). A comunidade cristã é chamada a enfrentar as tensões com verdade, caridade e confiança na ação do Espírito Santo. Este caminho encontra o seu fundamento mais profundo na missão que Deus confiou à Igreja. São Paulo recorda que Deus lhe confiou o “ministério da reconciliação” (2 Cor 5, 18). A reconciliação não é apenas uma tarefa humana nem uma simples técnica de gestão de conflitos. É um dom recebido de Deus e uma responsabilidade confiada à comunidade cristã: quando os cristãos escolhem o caminho do diálogo, do perdão e da procura do bem comum, tornam visível a ação reconciliadora de Cristo e cumprem a missão que Deus confiou à Igreja.

Perguntas de ressonância

- Que caminhos de diálogo, escuta e reconciliação somos chamados a fortalecer na nossa comunidade?
- Que atitudes ou práticas podem ajudar-nos a enfrentar os conflitos de forma mais evangélica e a reconstruir relações fragilizadas?
- Como podemos viver de forma mais plena o ministério da reconciliação que Deus confiou à Igreja?

3

ESCUTAR E DISCERNIR: QUE CONFLITOS ATRAVESSAM A NOSSA COMUNIDADE?

“Vivendo a conversação no Espírito, escutando-nos uns aos outros, apercebemo-nos da sua presença no meio de nós: a presença d’Aquele que, ao conceder o Espírito Santo, continua a suscitar no seu Povo uma unidade que é harmonia das diferenças.” (DF1)

Finalidade da secção

Depois de refletirmos sobre o significado dos conflitos à luz da Sagrada Escritura e do ensinamento da Igreja, somos convidados a olhar para a realidade concreta das nossas comunidades. A questão passa agora por identificar as tensões, dificuldades e desafios presentes entre nós. Esta etapa de escuta e discernimento pretende ajudar a reconhecer as situações que fragilizam a comunhão, dificultam a participação ou bloqueiam a missão, discernindo de que modo a comunidade pode crescer naquela "harmonia das diferenças" que o Espírito Santo deseja suscitar no seu Povo.

Oração inicial

Invocamos o Espírito Santo, pedindo a graça de um olhar sereno e verdadeiro sobre a nossa comunidade. Que Ele nos conceda humildade, liberdade interior e confiança mútua para reconhecer as tensões existentes, acolher a nossa parte de responsabilidade e discernir os caminhos que conduzem à comunhão e à missão.

Leitura bíblica sugerida

At 6,1-7: Instituição dos Sete

Este texto mostra uma comunidade confrontada com uma tensão concreta que ameaçava gerar divisão e injustiça. Perante o problema, os apóstolos não o ignoram nem o minimizam. Escutam as queixas, envolvem a comunidade na procura de uma solução e encontram um caminho que fortalece simultaneamente a comunhão e a missão. O conflito torna-se, assim, ocasião de discernimento, corresponsabilidade e renovação da comunhão ao serviço da missão.

Diagnóstico da comunidade

Pode ser útil partir de uma situação concreta de tensão, dificuldade ou conflito vivida recentemente na comunidade, procurando analisá-la à luz da fé e da experiência sinodal. O objetivo não é apenas descrever o que aconteceu, mas discernir o que o Senhor pede à comunidade através dessa experiência.

a) Compreender a situação

- Que situação de tensão, conflito ou mal-estar escolhemos analisar?
- Como surgiu o problema? Quem esteve envolvido?
- Quais foram as diferentes sensibilidades, preocupações ou expectativas presentes?

b) Como reagimos?

- De que forma procurámos enfrentar o conflito?
- Houve espaços de diálogo, escuta e discernimento?
- Que atitudes ajudaram a aproximar as pessoas? Quais agravaram as tensões?

c) O que aprendemos?

- Houve pessoas que desempenharam um papel de mediação ou reconciliação?
- Que recursos espirituais, humanos ou comunitários nos ajudaram?
- Que frutos de reconciliação, aprendizagem ou renovação podemos reconhecer?

d) Conversão e renovação

- O que esta situação revela sobre a forma como vivemos os conflitos na nossa comunidade?
- Que atitudes ou hábitos precisam de ser transformados?
- Que caminhos concretos somos chamados a percorrer para fortalecer a comunhão e a corresponsabilidade?

Conversação no Espírito

Seguir a descrição simplificada do método da conversação no Espírito em anexo ao caderno.

Esta dinâmica pode ser realizada segundo o método da Conversação no Espírito, procurando escutar aquilo que emerge da experiência partilhada e discernir os apelos que o Senhor dirige hoje à comunidade.

Possíveis questões para o discernimento comunitário

(Escolher só uma, a que mais serve à comunidade)

- Que conflitos ou tensões merecem hoje maior atenção na nossa comunidade?
- O que nos ajuda a transformar as diferenças em oportunidade de discernimento e não em motivo de divisão?

- O que sentimos que o Senhor está hoje a pedir à nossa comunidade através desta situação?
- Que passos concretos somos chamados a dar para fortalecer a comunhão, a participação e a missão?

No final deste momento, a comunidade poderá identificar os principais apelos do Espírito Santo, as situações que requerem maior atenção e alguns passos concretos de conversão, reconciliação e renovação comunitária.

4

DECIDIR E CAMINHAR: OS FRUTOS DO DISCERNIMENTO EM PASSOS CONCRETOS - PRÁTICAS DE RECONCILIAÇÃO E COMUNHÃO

“As Igrejas locais e os agrupamentos de Igrejas são agora chamados a pôr em prática, nos diversos contextos, as indicações autorizadas contidas no Documento, através dos processos de discernimento e de decisão previstos pelo direito e pelo próprio Documento.” (Nota de acompanhamento ao Documento Final do Sínodo, 25 de novembro de 2024)

Finalidade da secção

Esta última etapa pretende sugerir algumas linhas pastorais concretas que traduzam o discernimento realizado em hábitos, processos e práticas comunitárias. O critério fundamental é fortalecer a capacidade da comunidade para viver as diferenças de forma evangélica, integrar os conflitos nos processos de discernimento e crescer na comunhão e na missão.

Apresentamos três propostas que consideramos particularmente relevantes. No entanto, cada comunidade deverá discernir quais os passos concretos que é chamada a dar na sua própria realidade.

A) CULTIVAR UMA CULTURA DE ESCUTA E DIÁLOGO

A prevenção e a superação dos conflitos começam muito antes do aparecimento de situações de rutura. As comunidades onde existe escuta recíproca, comunicação transparente e diálogo sincero estão mais preparadas para enfrentar divergências de forma construtiva. Por isso, é importante criar espaços e hábitos que favoreçam o encontro,

a participação e a expressão respeitosa das diferentes sensibilidades presentes na comunidade.

Nenhuma reforma pastoral será verdadeiramente fecunda sem uma espiritualidade da escuta e do diálogo. A escuta sinodal não é apenas um exercício de consulta, mas uma atitude espiritual que ajuda a reconhecer a ação do Espírito Santo na vida da comunidade.

Leitura

“O diálogo sinodal implica a coragem tanto de falar como de escutar. Não se trata de entrar num debate em que um interlocutor procura sobrepor-se aos outros ou refutar as suas posições com argumentos contundentes, mas de exprimir com respeito aquilo que se percebe, em consciência, como sugerido pelo Espírito Santo em vista do discernimento comunitário, permanecendo ao mesmo tempo aberto a acolher aquilo que, nas posições dos outros, é sugerido pelo mesmo Espírito “para o bem comum” (1 Cor 12,7).” (Comissão Teológica Internacional, A Sinodalidade na Vida e na Missão da Igreja, 111)

Questões para a reforma pastoral

- Existem espaços regulares de escuta e diálogo na nossa comunidade?
- As pessoas sentem-se livres para expressar preocupações, dificuldades e propostas?
- Que linguagens, atitudes ou formas de comunicação precisam de ser transformadas para favorecer relações mais respeitosas e fraternas?

Questões para avaliação posterior

- Aumentaram as oportunidades de participação e escuta na comunidade?
- As contribuições dos participantes são consideradas nos processos de decisão?

- Cresceu o cuidado com as palavras utilizadas nos encontros e espaços comunitários?

B) CRIAR CONDIÇÕES PARA A MEDIAÇÃO E A RECONCILIAÇÃO

Nem todos os conflitos se resolvem espontaneamente. Algumas situações exigem acompanhamento, mediação e processos concretos de reconciliação. Por isso, as comunidades podem identificar e formar pessoas capazes de escutar, facilitar o diálogo e ajudar a reconstruir relações fragilizadas.

Estas pessoas não substituem os pastores nem os organismos de participação. Em articulação com eles, podem prestar um importante serviço à comunhão, ajudando a identificar conflitos, a facilitar o encontro entre as partes e a criar condições para um discernimento mais construtivo. O conselho pastoral é, neste contexto, um lugar privilegiado para abordar tensões e realizar o discernimento comunitário.

A mediação e a reconciliação incluem também a aprendizagem de formas evangélicas de correção fraterna, que unam verdade e caridade e sirvam a reconciliação e a comunhão. Não se trata apenas de resolver divergências ou tensões, mas de promover uma reconciliação que tenha uma dimensão espiritual e comunitária.

Leitura

(...) Os organismos de participação constituem um dos âmbitos mais promissores de atuação para uma rápida implementação das orientações sinodais, que leve a mudanças perceptíveis em pouco tempo. (DF 103)

(...) “Mas há uma terceira forma, a mais adequada, de enfrentar o conflito: é aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo. «Felizes os pacificadores» (Mt 5, 9)!” (EG 227)

Questões para a reforma pastoral

- Existem pessoas reconhecidas pela sua capacidade de escuta, mediação e reconciliação?
- Como podemos preparar melhor os responsáveis pastorais para lidar com situações de conflito?
- Que formas concretas de acompanhamento, mediação, correção fraterna ou iniciativas comunitárias de reconciliação podem ser promovidas na nossa comunidade?

Questões para avaliação posterior

- Os conflitos são identificados e acompanhados através de processos que favorecem o diálogo, o discernimento e a reconciliação?
- Cresceu a capacidade de diálogo perante situações difíceis?
- Foram dados passos concretos de reconciliação e reconstrução da confiança entre pessoas ou grupos da comunidade?

C) INTEGRAR OS CONFLITOS NOS PROCESSOS DE DISCERNIMENTO COMUNITÁRIO

Uma Igreja sinodal não procura ignorar nem ocultar os conflitos. Pelo contrário, é chamada a enfrentá-los, procurando transformá-los numa oportunidade para escutar aquilo que o Espírito Santo pede à comunidade.

O discernimento comunitário não consiste na simples soma de opiniões nem procura apenas alcançar consensos formais. Através da oração, da escuta recíproca e da procura sincera da vontade de Deus, a comunidade procura reconhecer aquilo que o Espírito Santo pede à Igreja e pode amadurecer consensos suficientemente amplos para continuar unida na sua missão.

Leitura sugerida

“O discernimento eclesial não é uma técnica organizativa, mas uma prática espiritual a ser vivida na fé. Requer liberdade interior, humildade, oração, confiança recíproca, abertura à novidade e abandono à vontade de Deus.” (DF 82)

“Na Igreja sinodal, toda a comunidade, na livre e rica diversidade dos seus membros, é convocada para rezar, escutar, analisar, dialogar, discernir e aconselhar ao tomar as decisões pastorais mais em conformidade com a vontade de Deus.” (CTI, A Sinodalidade na Vida e na Missão da Igreja, 68)

Questões para a reforma pastoral

- Os conflitos e tensões são assumidos como temas legítimos de discernimento comunitário?
- As decisões importantes incluem momentos de oração, escuta e procura comum da vontade de Deus?
- Como podemos utilizar mais frequentemente a Conversação no Espírito perante situações de divergência ou dificuldade?

Questões para avaliação posterior

- As decisões comunitárias são hoje mais participadas e mais discernidas, fortalecendo a confiança nos processos comunitários?
- As divergências são hoje mais frequentemente integradas em processos de diálogo e discernimento?
- Os compromissos assumidos são acompanhados e avaliados periodicamente?

ENCONTRO SINODAL EM PEQUENOS GRUPOS

Método da conversação no Espírito

[descrição simplificada]

PREPARAÇÃO

- Escolher um moderador (para moderar o tempo e o uso da palavra de cada um) e um secretário (para registar apenas aquilo que se quer partilhar em plenário, se for o caso).
- Todo o processo deve decorrer em oração, silêncio e partilha, sempre na escuta do Espírito e na escuta uns dos outros...
- Este esquema está preparado para grupos de 8 pessoas cada.

ORAÇÃO PELO SÍNODO

- Rezar a Oração pelo Sínodo “Adsumus Sancte Spiritus”.

QUESTÃO PARA ESCUTA, DISCERNIMENTO E PROPOSTA

- ***Que Igreja somos chamados a ser a partir da conversão no Espírito?*** [questão apenas como exemplo...]

PRIMEIRA RONDA

- Todos intervêm, cada um por sua vez e com a mesma duração uns dos outros [máximo de 2 minutos cada pessoa], para partilhar o fruto da oração, em relação à pergunta ou tema de reflexão.
- Nesta ronda, não há discussão e todos os participantes simplesmente escutam com profundidade cada pessoa e prestam atenção à forma como o Espírito Santo se move dentro de si mesmos, na pessoa que fala e no grupo como um todo.
- Segue-se um tempo de silêncio para registar os movimentos interiores de cada um [3 minutos].
- *Em suma, esta primeira ronda deve ocupar cerca de 25 minutos no máximo: 22 para partilha-escuta de cada um e 3 para silêncio.*

SEGUNDA RONDA

- Os participantes partilham (um de cada vez e sem se interromperem) o que mais os impressionou na primeira ronda e que moções sentiu durante o tempo de silêncio [máximo de 2 minutos cada pessoa].
 - Também pode haver algum diálogo, mantendo, porém, a mesma atenção espiritual.
 - Depois deste momento segue-se, uma vez mais, um tempo de silêncio [3 minutos].
- *Em suma, esta primeira ronda deve ocupar cerca de 25 minutos no máximo: 22 para partilha-escuta de cada um e 3 para silêncio.*

TERCEIRA RONDA

- Os participantes refletem sobre o que parece ter mais repercussão na conversação e o que lhes tocou mais profundamente, sugerindo moções espirituais.
 - É possível verificar que se aprendeu coisas novas e também que há questões que ficaram por resolver.
 - O momento de diálogo pode terminar com algumas orações espontâneas de gratidão.
 - Os participantes devem decidir sobre aquilo que desejam comunicar e apresentar como síntese no plenário: partilhar 2 propostas e apresentar 5 por escrito. O secretário anotará apenas os pontos que vão ser apresentados em plenário de modo sintético.
- *Esta ronda pode durar cerca de 30 minutos.*

RONDA FINAL E ORAÇÃO

- Breve avaliação e oração final

**O Sínodo não é uma questão de moda,
mas um modo de ser Igreja!**

ORAÇÃO PELO SÍNODO

Adsumus Sancte Spiritus

**Eis-nos aqui, diante de Vós, Espírito Santo!
Eis-nos aqui, reunidos em vosso nome!**

**Só a Vós temos por Guia:
vinde a nós, ficai connosco,
e dignai-vos habitar em nossos corações.
Ensinai-nos o rumo a seguir
e como caminhar juntos até à meta.**

**Nós somos débeis e pecadores:
não permitais que sejamos causadores da desordem;
que a ignorância não nos desvie do caminho,
nem as simpatias humanas ou o preconceito
nos tornem parciais.**

**Que sejamos um em Vós,
caminhando juntos para a vida eterna,
sem jamais nos afastarmos da verdade e da justiça.**

**Nós vo-lo pedimos
a Vós, que agis sempre em toda a parte,
em comunhão com o Pai e o Filho,
pelos séculos dos séculos.
Amen.**

O Processo Sinodal até 2028

PROCESSO DE ESCUTA,
ENCONTRO, DIÁLOGO, DISCERNIMENTO



9-10 de OUTUBRO de 2021
Abertura Mundial do Processo Sinodal



17 de OUTUBRO de 2021
Abertura Local do Processo Sinodal



FASE 1 - A Consulta ao povo de Deus

CONSULTA
LOCAL E NACIONAL



ETAPA CONTINENTAL
DIÁLOGO ENTRE IGREJAS DA MESMA ZONA GEOGRÁFICA



FASE 2 - O discernimento dos Pastores

4-29 de OUTUBRO de 2023
1ª SESSÃO da XVI Assembleia Geral
Ordinária do Sínodo dos Bispos

2-27 de OUTUBRO de 2024
2ª SESSÃO da XVI Assembleia Geral
Ordinária do Sínodo dos Bispos



FASE 3 - A implementação *Por uma Igreja sinodal*

2025

MARÇO Anúncio do processo de acompanhamento e avaliação

JULHO Publicação das *Pistas para a fase de implementação*

24-26 DE OUTUBRO Jubileu das equipas sinodais e dos órgãos de participação

2025 JUNHO - 2026 DEZEMBRO
Percurso de implementação nas Igrejas locais e nos seus agrupamentos

2027

PRIMEIRO SEMESTRE

Assembleias de avaliação nas Dioceses e Eparquias

SEGUNDO SEMESTRE

Assembleias de avaliação nas Conferências episcopais nacionais e internacionais, nas Estruturas hierárquicas orientais e em outros agrupamentos de Igrejas

2028

PRIMEIRO QUADRIMESTRE

Assembleias de avaliação continentais

OUTUBRO

Celebração da Assembleia eclesial no Vaticano

